CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE FILEMON FERNANDES TELES

Cláudio Martins

Nos bons tempos de minha meninice descontraída, marcada por lições de traquinagens nas ruas perdidas da cidade do Crato, o grande pecado era o banho proibido num alagado bulhento, o famígero "Cabocó", de *seu* Filé.

Meu pai nunca perdoava. O castigo vinha dobrado.

Todavia, *seu* Filé acolhia com extrema brandura as reiteradas invasões de meu bando trêfego, seus futuros eleitores, diga-se de passagem, nas águas intranqüilas do sítio São Bento.

É esta a imagem que guardo, na melhor lembrança, do meu conterrâneo Filemon Fernandes Teles, uma individualidade sem jaça, com carisma em toda a região caririense, onde assentou as bases físicas dum império fundiário que jamais lhe subiu à cabeça, posto que haja sobrepujado os lindes cearenses, numa colossal multiplicação de terras dadivosas e bem trabalhadas.

Seus pais, o Coronel Teodorico Teles de Quental e Ana Balbina da Encarnação Teles, obedecendo à tradição espiritual da boa família interiorana, destinaram-no aos serviços de Deus. No entanto, corajosa e lealmente, Filemon trocou os ensinamentos do Seminário de Fortaleza, no qual estagiou por pouco tempo, pelas sendas profanas deste outro lado da vida, a que se devotou com animus manendi, em perfeita cosonância com inata simplicidade, acrescida de extraordinário poder de liderança pacífica e contagiante.

Se vivo fosse, Filemon Teles estaria completando, precisamente nesta data, cem anos de profícua existência, uma vez que nasceu na legendária terra dos Cariris, no dia 20 de agosto de 1884, vindo a falecer em 14 de outubro de 1977, aos noventa e três anos completos.

Retomando o fio de inarredável vocação, associou-se ao pai no trato da terra muito amada, sobrando-lhe tempo, nesse mourejar capaz de preencher-lhe a existência inteira, para imitar o genitor nas tentações político-partidárias, que fizeram de Teodorico Prefeito Municipal e chefe de peso, filiado às hostes de Benjamim Barroso.

Sua habilidade nesse tanto conduziu-o a vôos maiores, contados da primeira investidura na Comuna cratense aos 26 de maio de 1936, aí permanecendo até dezembro de 1937.

Proclamado o Estado Novo, o Interventor Meneses Pimentel convidou-o para reassumir a direção do município, deferência de que declinou, num gesto de elevada coerência com sua inabalável formação democrática.

Tão logo refulgiu a normalidade no Pais, mereceu a hora de ser escolhido, em pleito memorável, legítimo ocupante daquele posto, isso nos idos de 1946.

Em 1951, deixou-se suceder por seu sobrinho Décio Teles Cartaxo.

Nessa altura, ingressou na veneranda Assembléia Legislativa, guindado por numerosos correligionários, decisão que se repetiria nos anos de 1959 e 1963, em tempo corrido até 1967.

Durante o período dedicado, nobremente, ao Poder Legislativo, ali ocupou destacadas posições, dentre elas a Presidência, sendo certo que, por força disto, substituiu temporariamente o Governador do Estado.

O traço mais forte da personalidade de Filemon Teles cifra-se, nada obstante, em sua proverbial bonomia, forrada de incomum capacidade para fazer amigos.

No decorrer da atividade parlamentar, plena de alevantadas atitudes, há uma passagem que dá bem a medida de seu destemor e comprovada lealdade: quando, em 1964, o médico e deputado José Pontes Neto foi cassado e preso, Filemon, colega e admirador, formou a seu lado, bravamente, sem nenhum receio de represália.

Não causa espécie, assim, o fato de, ao completar oitenta anos bem vividos, haver recebido consagradoras homenagens, a elas fazendo-se presentes, irrestritamente, todas as bancadas da Casa do Povo.

Foi nessa oportunidade que o Senador Manoel do Nascimento Fernandes Távora, nosso eminente confrade, lhe dirigiu esta peroração reveladora:

"Meu caro Filemon!

Correligionário e amigo indefectível, nos dias felizes ou nubilosos, é sempre com orgulho e desvanecimento, que te vejo ao meu lado nas pugnas incessantes, pelo bem de nossa terra!"

Não será preciso dizer mais para pingar ponto final neste registro, com que, de bom grado, me desincumbo de honrosa disposição do Presidente deste Sodalício.

E sou-lhe grato por isso, pois a honraria enseja trazer para os Anais do Instituto a imagem do amigo que proporcionou à minha geração exemplos de humildade, de ternura e de inexcedível riqueza espiritual.